

Versão pré-publicação

Hanna Jakubowicz Batoréo*

(Universidade Aberta, Lisboa)

EXPRESSÃO DO MOVIMENTO EM ÁGUA (*AQUA-motion*) NO PORTUGUÊS EUROPEU: CONTRIBUIÇÃO PARA TIPOLOGIA LEXICAL

Resumo

Propomo-nos, no presente trabalho, analisar alguns dos paradigmas de lexicalização que se observam no Português Europeu na descrição tipológica do MODO como o MOVIMENTO é efectuado (Cf. Talmy, 1975, 1985 e 2000; Batoréo [1996] 2000). Os referidos paradigmas dizem respeito a um campo lexical restrito de verbos que referem movimento efectuado em água – e, por extensão, em qualquer meio líquido –, designado na literatura de especialidade por *AQUA-motion* (cf. Lander, Maisak & Rakhilina 2005, Lemens & Divjak e Arad, no prelo). Com a análise efectuada com base nos dados provenientes dos *corpora* linguísticos disponibilizados electronicamente, procura demonstrar-se que as línguas naturais diferem de um modo estruturado e previsível não apenas a nível estritamente gramatical, mas também a nível do seu léxico (Newman 1997, 2002).

1. Problema

Com base nos *corpora* linguísticos disponibilizados electronicamente (v. Bibliografia), propomo-nos, no presente trabalho, analisar a distribuição e os paradigmas de lexicalização que se observam no Português Europeu no caso do grupo restrito de verbos que referem **movimento efectuado em água** – e, por extensão, em qualquer meio líquido –, designado na literatura de especialidade por *AQUA-motion* (cf. Lander, Maisak & Rakhilina 2005, Lemmens & Divjak 2005 e Arad 2005). A investigação desenvolvida neste tipo de estudos tem por objectivo demonstrar que **as línguas naturais diferem de um modo estruturado e previsível** não apenas a nível estritamente gramatical, mas também a nível **do seu léxico** (Newman 1997, 2002), bem como do da conceptualização da realidade em que vivem os seus

* O presente texto reflecte a primeira fase do trabalho de investigação desenvolvido por Angelina Pires, Isabel Macedo e Margarida Casadinho e por mim coordenado, no âmbito do Mestrado em Estudos de Tradução, na Universidade Aberta (Lisboa), ao longo do ano de 2006.

falantes. Pretende demonstrar-se, assim, que esta organização não ocorre apenas ao nível da estrutura linguística, mas igualmente ao nível da conceptualização do mundo a ela subjacente, defendendo-se, deste modo, que o nível linguístico e o cognitivo se cruzam e influenciam mutuamente (cf. paradigmas de lexicalização que se observam no Português Europeu na descrição tipológica do MODO como o MOVIMENTO é efectuado, in: Talmy, 1975, 1985 e 2000; Batoréo [1996] 2000).

Baseando-se na análise dos dados provenientes de cerca de 30 línguas que pertencem a famílias linguísticas tipologicamente diferentes (p. ex. a família Eslava, Germânica, Românica, Urálica, Turca, Semítica e Caucásiana), Lander, Maisak & Rakhilina (2005) defendem que – na área entendida em termos gerais como a do **movimento efectuado em água** – as línguas distinguem, prototipicamente, **três domínios lexicais**: (i) os verbos de movimento activo, do tipo NADAR (*verbs of SWIMMING*), (ii) de movimento passivo, do tipo FLUTUAR (*verbs of FLOATING*) e (iii) os verbos de movimento efectuado pelas embarcações e por quem nelas se desloca, do tipo NAVEGAR (*verbs of SAILING*), proposta de tipologia que se pode representar esquematicamente de modo seguinte (cf. Quadro 1):

| (1) NADAR | (2) FLUTUAR | (3) NAVEGAR |
|-------------------------------------|--|-----------------------------------|
| - humanos - peixes - pássaros | - madeira na água - destroços dos barcos no mar - pedaços de cenoura na sopa | - embarcações e quem as pilota |

Quadro 1. Proposta de divisão em três domínios principais da autoria de Lander, Maisak & Rakhilina (2005)

Se, na maioria das línguas estudadas por Lander, Maisak & Rakhilina (2005), a distinção dos três domínios lexicais acima apresentados parece ser regra, tal como observado, nomeadamente, no Persa, Tamil, Mandinka ou Híndi, idiomas há que apresentam sistemas tipológicos mais ricos, com subdivisões mais especializadas (de um) dos respectivos três domínios gerais distinguidos. Assim, por exemplo, no domínio dos verbos do tipo NADAR existem subdivisões realizadas em itens lexicais específicos – tal como acontece, por exemplo, em Coreano –, que surgem em função do carácter quer genericamente animado quer especificamente humano da Figura que se desloca. Observam-se, igualmente, verbos do tipo

NADAR, como o próprio item lexical ‘*nadar*’, a funcionarem num outro domínio, o do tipo FLUTUAR, tal como acontece p. ex. em Francês, em que o verbo ‘*nager*’ é utilizado para os seres animados que se deslocam activamente na água, mas também para, por exemplo, se designar o movimento efectuado pelos pedaços de cenoura a nadarem na sopa. No que diz respeito ao domínio de NAVEGAR, cita-se o Português como uma língua que apresenta basicamente – além de dispor dos verbos de emprego raro, tal como ‘*singrar*’ e ‘*marear*’ – um sistema mais especializado com o verbo geral de carácter neutral ‘*navegar*’ a contrastar com um específico ‘*velejar*’, verbo que refere concretamente, e tal como o nome indica, o movimento efectuado por embarcações navegadas à vela (cf. Quadro 2).

| | |
|--|--|
| (3) NAVEGAR | |
| ‘ <i>navegar</i> ’ (carácter neutral) | ‘ <i>velejar</i> ’ (navegar à vela) |

Quadro 2. Proposta da caracterização do domínio de NAVEGAR em Português da autoria de Lander, Maisak & Rakhilina (2005)

No domínio de FLUTUAR, cita-se também o Português como um idioma que distingue entre o movimento passivo efectuado com a corrente, no caso do verbo ‘*flutuar*’, e o movimento passivo efectuado à superfície, com o verbo ‘*boiar*’ (Quadro 3).

| | |
|--|------------------------------------|
| (2) FLUTUAR | |
| ‘ <i>flutuar</i> ’ (com a corrente) | ‘ <i>boiar</i> ’ (à superfície) |

Quadro 3. Proposta da caracterização do domínio de FLUTUAR em Português da autoria de Lander, Maisak & Rakhilina (2005)

A mesma distinção efectuada no âmbito de FLUTUAR é igualmente proposta para outras línguas, tal como o Francês, com o contraste entre ‘*flotter*’ e ‘*surnager*’ ou como o Neerlandês com ‘*drijven*’ vs. ‘*dobberen*’. Outras línguas há, no entanto, que no mesmo

domínio distinguem entre o movimento efectuado ao sabor da corrente, por um lado, e um outro efectuado quer à superfície quer no espaço fechado, como acontece, por exemplo, no caso do Hebreu. Existem também divisões em três do mesmo domínio, em que se faz distinção, por exemplo, entre o movimento passivo ao sabor da corrente, um flutuar “direccionado” e, ainda, um movimento de emersão a fim de ficar à superfície da água (veja-se o caso do Japonês).

Se existem línguas com sistemas tripartidos simples ou com sistemas mais enriquecidos em que a especificação é efectuada em função de características da conceptualização do movimento em água e a subsequente lexicalização desta distinção, existem, por outro lado, línguas que dispõem de sistemas tipologicamente mais pobres, nos quais ocorre neutralização das oposições prototípicas inicialmente observadas. Quando a lexicalização não ocorre, é frequente o emprego dos verbos gerais de movimento, sobretudo os déicticos ‘*ir*’ e ‘*vir*’ (cf. a não-lexicalização dos verbos do tipo NAVEGAR na família Turca das línguas). Excepcionalmente, existem também idiomas (como os Eslavos, por exemplo, Russo ou Polaco) que utilizam a mesma raiz verbal nos três domínios referidos (cf. ‘*plavat*’/ ‘*plyt*’, em Russo, e ‘*plywac*’/ ‘*plynac*’, em Polaco), efectuando a especialização de cada um dos domínios pela derivação a partir da forma aspectualmente iterativa no sentido de FLUTUAR e admitindo tanto a iterativa como a não-iterativa no caso dos domínios de NADAR e de NAVEGAR. Para se ilustrar este fenómeno, vejam-se os seguintes exemplos polacos: ‘*lisc plywa*’/ *‘*lisc plynie*’ (‘*a folha flutua*’), com o verbo formado a partir da raiz obrigatoriamente [+] iterativa (e não admitindo a não-iterativa), que contrastam com os exemplos de ‘*łódz/statek/człowiek + plywa/plynie*’ (= ‘*o barco/ o navio/ o homem*’ + ‘*flutua/ nada*’), nos quais o movimento pode ser expresso pelo verbo derivado tanto da forma iterativa como a não-iterativa.

1. Caso do Português Europeu.

No caso do Português Europeu, a tipologia apresentada parece ser genericamente pertinente, distinguindo-se, de facto, **os três domínios acima propostos** e sendo o Fundo do movimento efectuado o do meio aquático (e, por extensão semântica, o do qualquer meio líquido).

Observem-se, assim, os grupos de exemplos (1), (2) e (3):

(1) os verbos do tipo NADAR (movimento activo):

- (a) *Os homens/ os ursos/ os peixes* **nadam** no mar, no rio, no lago.
(b) *Os homens/ os ursos/ *os peixes* **atravessam** o rio **a nado**.
(c) *Os homens/ os ursos/ *os peixes* **vão a nado** para a outra margem.

(2) os verbos do tipo FLUTUAR (movimento passivo):

- (a) *Os peixes/ os corpos mortos* **flutuam** no rio.
(b) *As folhas que caíram* **flutuam** na poça da água.
(c) *A mancha de petróleo* **flutua** no mar.
(d) *As crianças* **aprenderam a boiar**, mas ainda não sabem nadar.
(e) *Os cubos de gelo* **flutuam/ bóiam** na sopa.
(f) *Depois do acidente a jangada* **ficou à deriva** durante três dias.

(3) os verbos do tipo NAVEGAR (movimento efectuado pelas embarcações e por quem nelas se desloca):

- (a) *Os iates/os marinheiros* **velejam** perto da costa/
andam à vela perto da costa.
(b) *As embarcações/ os pescadores* **navegam** na direcção da costa.

No que diz respeito às especificações mais pormenorizadas acima exemplificadas nos quadros 2 e 3, é o nosso entendimento que se devam efectuar estudos muito mais pormenorizados quanto à conceptualização dos movimentos específicos em questão, sobretudo utilizando para tal os *corpora* da linguagem corrente. As propostas como a atrás mencionada são frequentemente efectuadas por linguistas que – mesmo que tenham (muito) bom conhecimento de vários idiomas de níveis de conhecimento dificilmente comparáveis – acabam por sofrer, na sequência disso, interferências de ordem vária. Além disso, estes especialistas conhecem frequentemente o seu objecto de estudo apenas (ou preferencialmente) a nível do sistema, com base nos dicionários de língua, frequentemente de carácter obsoleto, sem poderem ter discernimento acerca de usos específicos a nível das particularidades discursivas ou psicossociolinguísticas, mesmo que para tal análise possam contar, por regra, com apoio de falantes nativos dos idiomas em estudo.

Veja-se, neste âmbito, por exemplo, a distinção proposta em Lander, Maisak & Rakhilina (2005) para Português entre os verbos ‘boiar’ e ‘flutuar’ (cf. exemplos (2) acima), segundo a qual estes dois verbos se distinguem a nível da conceptualização do movimento em causa, referindo-se, respectivamente, a movimentos efectuados à superfície vs. a movimentos efectuados a favor da corrente. O que fazer, então, com as ocorrências de ambos os verbos em

contextos diversificados e atestadas nos *corpora* que demonstram um alto grau de substituíbilidade entre eles, sem que se verifique qualquer tipo de alteração de sentido? Observem-se, para tal os exemplos de (4) a (7) e a contrastar com (8) e (9):

Movimento passivo à superfície:

- (4) *Os peixes flutuam/ bóiam no rio.*
- (5) *Os corpos mortos flutuam/ bóiam no rio.*
- (6) *As crianças aprenderam a flutuar/ a boiar, mas ainda não sabem nadar.*
- (7) *Os cubos de gelo flutuam/ bóiam na sopa.*

Movimento passivo no espaço líquido fechado:

- (8) *Os submarinos flutuam/ * bóiam nas águas fundas dos oceanos.*
- (9) *Os peixes flutuam/ * bóiam nas águas fundas dos oceanos.*

Ou, ainda, será que em Português, tal como em Francês, os pedaços de cenoura ou um raminho de salsa podem ‘nadar’ na sopa – tal como ‘o bacalhau que nada em azeite’ –, embora esta característica não tenha sido apontada pelos proponentes como pertinente para Português?

Na sequência das dúvidas atrás apresentadas, propomos que na **presente análise** (i) se consultem os **corpora do Português Europeu corrente** (cf. Bibliografia) para dar conta dos usos da língua, bem como (ii) se determinem as respectivas **definições tipológicas**, tendo em consideração os seguintes **parâmetros sintáctico-semânticos e cognitivos** (enumerados a seguir de (a) a (f):

- (a) a natureza da **Figura** em movimento ([+/- Hum.], [+/- Anim.]);
- (b) o **movimento** proporcionado pela própria Figura (activo) vs. o movimento passivo (falta de carácter volitivo da Figura);
- (c) o **movimento** dirigido vs. o não-dirigido ou difuso;
- (d) o **Fundo** do meio líquido entendido quer como um contentor do espaço fechado quer como a superfície do meio líquido;
- (e) a **tipologia** do Português como uma língua centrada no verbo (“verb-framed” cf. Talmy, 1985; Batoréo [1996] 2000);
- (f) os **processos de metaforização** (metáfora e metonímia conceptuais) observados na área e as inter-relações verificadas.

2. Os verbos (e as expressões verbais não lexicalizadas) do tipo NADAR

Segundo a tipologia de Talmy (1985) (cf. Batoréo [1996] 2000), a lexicalização do movimento em Português ocorre ao nível do PERCURSO em que este movimento é efectuado, sendo por conseguinte natural dizer-se, por exemplo,

(10) *O João atravessou o rio **a nado***’

(lexicalização do MOVIMENTO + PERCURSO) e não se aceitar facilmente

(11) ?? * *O João **nadou** através do rio* (lexicalização do MOVIMENTO + MODO).

Pelo contrário, noutras línguas, como em Inglês por exemplo, a lexicalização padrão é efectuada a nível do MOVIMENTO + MODO, sendo, por conseguinte, natural dizer-se

(11a) *John **swam** across the river,*

mas não

(10a) ?? * *John crossed the river **swimming**.*

No entanto, os exemplos do grupo (1) (cf. secção 1 acima) demonstram que existem restrições quanto à prototipicidade da construção lexicalizada. Enquanto tanto os homens como outros animais **nadam na água** (no sentido de *nadar1*, cf. ex. 1a), só os seres que não vivem prototipicamente na água – como os homens, os ursos ou os cavalos – é que a **atravessam a nado** (no sentido de *nadar2*, cf. ex. 1b). Os dois casos distinguem-se pela conceptualização do movimento que lhe é subjacente: se no primeiro caso, conceptualizamos a Figura como imersa no Fundo (sendo este constituído por um contentor de água), no segundo, o movimento é efectuado à superfície do contentor, sem imersão total e com o objectivo de a Figura não se afogar. Por conseguinte, as Figuras inerentemente aquáticas, tal como peixes, só aceitam o primeiro paradigma, isto é, o *nadar1*, e rejeitam o segundo, isto é, o *nadar2* (cf. ex. 12).

- **Nadar1 vs. nadar2**

(imersão total vs. movimento à superfície)

(12) (a) *Os peixes **nadam** no rio.*

(b) * *Os peixes **nadam** através do rio.*

(c) *Os peixes atravessam/ sobem/ descem o rio.*

(d) * *Os peixes atravessam/ sobem/ descem o rio **a nado**.*

(e) *Os peixes vão pelo rio acima/abaixo.*

A observação do *corpus* permite-nos detectar algumas particularidades de uso do verbo em estudo. Assim, das 3260 ocorrências do verbo ‘nadar’ registadas no

CETEMPúblico, foram registados 159 usos referentes a usos metafóricos, o que constitui cerca de cinco por cento da totalidade dos usos observados, em contextos como ‘*nuvens macias nadam através do céu azul*’, ‘*oito actores que nadam nas águas cómico-sérias*’, ‘*nadar nas águas melo-antunistas*’ (do nome do político Melo Antunes), ‘*os portugueses nadam no mito como peixes na água*’ etc. Tal como os dois últimos exemplos atestam, o sentido metafórico de ‘*nadar*’ provém do carácter metafórico do Fundo ‘*as águas*’ (p. ex., ‘*as águas cómico-sérias*’, ‘*as águas melo-antunistas*’) a que o movimento se refere. No entanto, existe uma expressão que parece privilegiada no meio das outras; trata-se da expressão ‘*nadar em dinheiro*’ (e de outras expressões sinónimas com referência à riqueza: ‘*nadar em ouro/ luxo/ notas de mil/ divisas/ riquezas*, etc.) com 32 ocorrências, o que equivale a vinte e um por cento das 159 extensões metafóricas registadas. Destas, praticamente dois terços (26 ocorrências) surgem em construções sintáctico-semânticas negativas ‘*não nadar/ sem nadar em dinheiro*’, referindo neste caso o contrário da riqueza, isto é, a falta de verbas, conforme atestado nos exemplos de (13) a (18):

- (13) a nova RDP que ***anda a nadar em dinheiros*** públicos ... (Ext. 61553)
 (14) para uma federação que ***não nada em dinheiro*** (Ext. 224716)
 (15) ... numa Secretaria de Estado que ***não nadava em dinheiro*** .. (Ext. 663467)
 (16) ... ***sem nadar em dinheiro***, a associação apresenta (...) um ponto de vista original (Ext. 95762)
 (17) .. é que eu ***não ando a nadar em notas de mil*** ... (Ext. 800394)
 (18) ... mas ***não gosta de nadar em riquezas***... (Ext. 900951)

No âmbito das expressões metafóricas, foram igualmente verificadas dezanove ocorrências (o que perfaz 12 por cento do total) da letra de uma cantiga *rap*: ‘*as gravuras não sabem nadar, ióou!*’ e das suas variantes, em que se faz alusão a uma acesa e relativamente recente polémica na sociedade portuguesa entre políticos e ecologistas acerca da construção de uma barragem que iria submergir pinturas rupestres. Quando esta expressão se refere a objectos ou conceitos, trata-se de uma conceptualização de perigo e da necessidade de protecção das entidades que se sentem ameaçadas, a fim de – tal como as pinturas rupestres originais – não se “afogarem” (cf. exemplo (19)). Pelo contrário, aplicada aos humanos, a mesma expressão é indicadora de ignorância ou mesmo de estupidez de quem não conhece as regras do jogo ou não domina os códigos de conduta vigentes (cf. exemplo (20)).

- (19) ‘ a Constituição ***não sabe nadar***, ióu....’ (Ext. 226008)

(20) ‘ ... qualquer coisa como – gracejou então – “é careta quem partilha seringas” ou “quem partilha não sabe nadar, iôu”.’ (Ext. 258883)

Em suma, é interessante verificar que, embora só cinco por cento da totalidade das ocorrências do verbo ‘*nadar*’ sejam metafóricas, destas cerca de um terço (isto é, o total do 21 % das construções ‘*nadar em dinheiro*’ e dos 12% de ‘*não sabe(m) nadar, iôu*’) é constituído por expressões de carácter fixo, de alto grau de fixidez. Assim, conforme mostram os exemplos acima, as metáforas em discussão só podem ser descodificadas por aqueles que partilham o universo de referência em questão, de carácter social, político e/ou cultural, isto é, o conhecimento enciclopédico que nenhum dicionário de língua faculta e que falantes não-nativos ou falantes de outras variantes do Português tem dificuldade em decifrar.

3. Os verbos do tipo FLUTUAR

Tal como demonstram os exemplos acima apresentados de (4) a (9) na secção 1 (e que a seguir reproduzimos), a distinção entre os usos específicos referentes ao movimento neste domínio não se situa – conforme proposto nas fontes teóricas inicialmente citadas – ao nível do movimento passivo efectuado com a corrente em ‘*flutuar*’ e em cima da superfície da água (para não se afundar) em ‘*boiar*’, criando se o contraste de ‘*flutuar*’ vs. ‘*boiar*’ (Lander, Maisak & Rakhilina, 2005). Pelo contrário, a oposição parece situar-se entre a conceptualização do movimento passivo à superfície da água em ‘*flutuar 1*’ = ‘*boiar*’ (cf. exemplos de (4) a (7)) vs. o movimento passivo dentro da água em ‘*flutuar 2*’ (cf. exemplos (8) e (9)), o que obriga a distinguir, pelo menos, dois verbos ‘*flutuar*’ diferentes: ‘*flutuar 1*’ e ‘*flutuar 2*’, em que ‘*flutuar 1*’ \neq ‘*flutuar 2*’:

- ‘*flutuar 1*’ = ‘*boiar*’ (superfície da água)

(4) *Os peixes flutuam/ bóiam no rio.*
(5) *Os corpos mortos flutuam/ bóiam no rio.*
(6) *As crianças aprenderam a flutuar/ a boiar, mas ainda não sabem nadar.*
(7) *Os cubos de gelo flutuam/ bóiam na sopa.*

- ‘*flutuar 2*’ \neq ‘*boiar*’ (dentro da água)

(8) *Os submarinos flutuam/ * bóiam nas águas fundas dos oceanos.*
(9) *Os peixes flutuam/ * bóiam nas águas fundas dos oceanos.*

É interessante verificar que o verbo ‘*flutuar*’ parece particularmente surpreendente não apenas pelas características que revela nos contextos atrás analisados, mas também pela importância que os seus empregos metafóricos assumem na totalidade das ocorrências registadas, assumindo proporções totalmente diferentes das observadas anteriormente no caso do verbo ‘*nadar*’. Assim, de entre 887 ocorrências do verbo ‘*flutuar*’ registadas no *CETEMPúblico*, observamos apenas 244 usos de carácter físico (o que constitui 27,5% da totalidade) e 584 usos de carácter metafórico (o que perfaz 67,83%). Na verdade, a riqueza dos empregos metafóricos do verbo ‘*flutuar*’ não tem carácter homogéneo, dividindo-se a área em dois domínios principais: o de movimento físico ocorrido no meio aéreo e o de movimento abstracto, sendo este de carácter económico, financeiro, social, cultural ou político (cf. os contextos de (a) a (g) abaixo), conforme se pode observar nos exemplos (21) e seguintes. Repare-se aqui por exemplo, que na área financeira surgem 153 ocorrências (17,2%) da expressão ‘*moeda a flutuar*’, o que mais uma vez aponta para fixidez da expressão utilizada em função de um esquema imagético a ela subjacente (contexto (g) e ex. (30)).

(a) Contexto físico

(21) ‘*Subitamente um barco patrulha começa a mover-se a grande velocidade em direcção a uma pequena mancha indistinta que **flutua** na água.*’ (Ext. 453522)

(22) ‘*Nos rios de margens destruídas pela erosão **flutua** uma variedade infinita de barcos, alguns de velas triplas que parecem saídos de um quadro dos Descobrimentos.*’ (Ext. 642142)

(b) Contextos ambíguos – físico e/ou abstracto

(23) ‘*Seja no México, onde metade da população vive na miséria, ou no Brasil, a maré crescente do investimento estrangeiro não é capaz de pôr todos os barcos a **flutuar**.*’ (Ext. 550970)

(c) Meio aéreo

(24) ‘*Só a palavra desnorte servia ontem ao Zaire, em cuja segunda cidade, Lubumbashi, já **flutua** a bandeira dos rebeldes.*’ (Ext. 17286)

(25) ‘O astronauta Mike Foale **flutua** no espaço, centenas de quilómetros acima da superfície da terra, durante o passeio espacial de quase cinco horas do lado de fora do vaivém Discovery’. (Ext. 477724)

(d) Social

(26) ‘Era, era muito duro esse **flutuar** ora pelas planícies, ora pelas serras, de quarto alugado em quarto alugado. (Ext. 606173).

(e) Abstracto- música:

(27) ‘Musicalmente tem fases de apaziguamento, em que parece **flutuar** ao acaso entre o oceano e a estratosfera, de que o caso mais flagrante é o tema de abertura “O ...”’ (Ext. 1475293)

(f) Abstracto – política:

(28) ‘Enquanto se persistir nela, a Presidência é uma missão impossível, que só se entrega a velhos comandantes da guerra da independência, que mantêm o navio a **flutuar** durante algum tempo, até se afundarem com ele.’ (Ext. 1482209).

(29) ‘... Sampaio pretendeu dizer aos lisboetas, e ao país, que não abandonava nenhum barco sem que ele tivesse todas as tábuas bem pregadas, para poder **flutuar**.’

(g) Abstracto – finanças:

(30) ‘Em Lisboa, o marco/escudo abriu no nível dos 102,05/15 e **flutuou** numa banda muito apertada, entre 101,10 e 102,15 durante a sessão de ontem.’ (Ext. 12612)

4. Os verbos do tipo NAVEGAR

No grupo dos verbos do tipo NAVEGAR, o próprio verbo ‘navegar’ é o mais frequente e o mais rico em termos da tipologia de ocorrências. Das 2559 ocorrências observadas, apenas quatro por cento são constituídas por expressões fixas, das quais as mais frequentes são ‘a arte de bem navegar’ e ‘navegar é preciso’. Na restante maioria dos casos, os usos do verbo ‘navegar’ deixam transparecer claramente um movimento das embarcações tanto físico como metafórico, e, metonimicamente, o movimento de quem as dirige e de quem

nelas se desloca. O movimento efectuado pode ser não orientado explicitamente (vejam-se, a seguir, os exemplos de (31) a (34)) ou, então, direccionado preferencialmente rumo a um ponto Alvo ou seguindo um eixo pré-determinado (exemplos (35) e (36)). Prototipicamente, o Fundo do movimento é o mar, enquanto a Figura é mais agentiva quando se reveste do traço [+ humano], como nos quatro primeiros exemplos da série que se segue (exemplos (31) – (34)), e com menor grau de agentividade, pelo emprego da metonímia, quando se trata de embarcações, como nos dois últimos casos (exemplos (35) e (36)).

(31)

‘E navegando nós com este determinação por este arquipélago de ilhas adiante, como neste tempo não levámos piloto, por nos ser morto na briga passada, e os ventos nordeste nos eram ponteiros e as águas corriam muito contra nós, bordejámos às voltas, de um rumo no outro, vinte e três dias com assaz trabalho, no fim dos quais prouve a Nosso Senhor que vimos terra...’ [Ext. 247871 (clt, 93b)]

(32)

‘... as de coordenar, também, as questões técnicas para fazer avançar a cartografia e, numa palavra, a ciência náutica até níveis tão importantes que é merecidamente qualificado com o cognome de o Navegador, apesar de escassas vezes ter navegado.’
[Ext. 1290470 (nd, 94a)]

(33)

‘Em resumo: se o Infante consultava os mapas-mundo para saber mais ou menos por onde devia andar a navegar, naturalmente esbarrando a cada passo com erros que as navegações evidenciavam, a verdade é que a cartografia dos Descobrimentos é uma cartografia de portulanos – de cartas de marear e não de mapas-mundo teóricos’
[Ext. 296397 [clt, 94a)]

(34)

‘Diz-se então que os galeões espanhóis chegavam a navegar seguindo o ruído dos cardumes de tartarugas migratórias que subiam à superfície para respirar e Cristóvão Colombo baptizou um grupo de ilhas do Caribe com o nome de Las Tortugas – as Tartarugas, hoje Ilhas Cayman – devido ao seu elevado número.’
[Ext. 307800 (nd, 91a)]

(35)

‘«Cabral não andou pelo oceano sem rumo. Seguiu um regime de ventos e instruções que recebeu de Vasco da Gama», defende Justo Guedes que fez, de helicóptero, «à altura do cesto de gávea de uma das naus, a expedição de Cabral» e descobriu que o avistamento do monte Pascoal, como Pêro Vaz de Caminha o descreve na carta que escreveu a D. Manuel, só podia ter sido feito, com uma armada, navegando naquela direcção.’
[Ext. 480505 (clt, 98a)]

(36)

*‘Quando um piloto português dos inícios do sec. XVI pretendia **navegar** na direcção Norte-Sul e se desviara desse rumo durante algum tempo, precisava de saber quanto se tinha afastado, em distância, da rota pretendida.’*

[Ext. 622874 (nd, 95a)]

Os exemplos atrás citados apontam para coincidências no agrupamento das características do movimento traduzido pelo verbo ‘navegar’ de direccionalidade/não-direccionalidade e características [+/- Humano] da Figura do movimento. Assim, nos quatro primeiros exemplos (de (31) a (34)), o movimento não é orientado espacialmente, correspondendo a uma deslocação genérica no meio aquático e sendo a Figura um Agente humano. Nos restantes dois casos ((35) e (36)), o movimento é mais “técnico”, efectuado metonimicamente por embarcações (dirigidas pelos humanos) que se deslocam nas águas de um modo mais orientado.

No entanto, ‘navegar’ surge também ao referir uma deslocação sem rumo, efectuada à deriva, conforme podemos observar em (37):

(37)

‘E também num barco, que navega para lado nenhum.’

[Ext. 93175 (nd, 91a)]

Embora o movimento prototípico de ‘navegar’ seja efectuado no meio aquático, existem usos que apontam claramente para uma deslocação no espaço, sendo este espaço referenciado, por exemplo, enquanto meio aéreo na sua acepção física (ex. (38) e (39)). Outros usos apontam, no entanto, para o movimento abstracto (ex. 40 e seguintes), efectuado em múltiplas áreas: no desporto automobilístico (ex. (40)), na política (exs. (41) e (42)), na vida social (exs. (43) e (44)) ou no ciberespaço (ex. 45):

(a) meio aéreo:

(38)

*‘O laser será apontado para Terra durante oito dias consecutivos, devendo para isso o Discovery **navegar** durante esse tempo com as portas do seu porão abertas de par em par.’*

[Ext. 252767 (clt-soc, 94b)]

(39)

*‘Pode parecer que é indiferente ter um painel solar apontado para o Sol em cima do telhado ou pô-lo a **navegar** no espaço mas, na realidade, não é assim.’*

[Ext. 837259 (clt, 98a)]

(b) meio automobilístico:

(40)

*'E nesta luta à parte dos demais, só entre os protótipos, foi o japonês Masuoka (Mitsubishi), quem melhor **navegou** e se desenvencilhou das areias.'*

[Ext. 220994 (des, 96a)]

(c) meio político:

(41)

*'Quer levar a oposição a **navegar** no mar alto, contra um governo que navega à vista de costa.'*

[Ext. 21122]

(42)

*'É um líder frágil que **navega** à vista com as principais figuras do seu partido contra ele, acrescentou Narciso referindo que o dirigente social-democrata tem consciência da fraqueza da sua situação.'*

[Ext. 32304]

(d) meio social:

(43)

*'Nessa altura, há muito que o Braga **navegava** sem bússola, meio à deriva, vivendo da intuição de um ou outro jogador em lances de cariz individual.'*

[Ext. 176851 (des, 98a)]

(44)

*'Andamos a **navegar** em águas turvas, sem sabermos quando vamos chegar ao cliente.'*

[Ext. DL-N1626-2]

(e) ciberespaço:

(45)

*'Por 40 dólares à hora, **navega** nas ondas do ciberespaço para outras pessoas com dificuldades de entender aquele espaço virtual.'*

[Ext. 219301 (clt-soc, 95a)]

Outros verbos que igualmente surgem na classe dos verbos do tipo NAVEGAR – tal como ‘*velejar*’ (com 156 ocorrências) ‘*singrar*’ (com 151 ocorrências) e ‘*marear*’ (com 35 ocorrências) – apresentam quase exclusivamente usos restritos, com características específicas.

Assim, por exemplo, o emprego do verbo ‘*singrar*’ (exemplos (46) – (51)), quando aplicado num contexto físico, ocorre no domínio das ciências náuticas, restringindo-se, por

isso mesmo, a um núcleo específico de usos (cf. exemplos (46) – (48)). Trata-se de empregos sem grande visibilidade percentual: em 151 casos, apenas 14 têm aceção física, o que equivale a nove por cento da totalidade das ocorrências do verbo ‘singrar’.

(46)

*‘Quatro galeões de sal do Sado e uma lancha poveira disputaram a 4^a Regata dos Galeões do Sal, de Lisboa a Setúbal, comemorando o fim da exposição «Assim se Navega(va)», na FIL, que relembrou a história das embarcações tradicionais evocando os barcos que **singravam** e **singram** o mar e os estuários portugueses.’*

[Ext. 131695 (des, 92b)]

(47)

*‘No tempo em que, entre corvetas e fragatas **singrava** uma que fora baptizada com o nome de D. Fernando II e Glória.’*

[Ext. 234590 (soc, 94a)]

(48)

*‘Quando o «Titanic» **singrou** as águas, já há 25 anos, que o inglês Parsons tinha posto a navegar o primeiro barco a vapor equipado com turbina, batendo todos os recordes de velocidade na água.’*

[Ext. 497112 nd, 98a)]

A contrastar com os usos restritos, a grande maioria das ocorrências do verbo ‘singrar’, isto é, noventa e um por cento, verifica-se em contextos metafóricos do tipo ‘singrar na vida’, ‘singrar nos circuitos profissionais’, etc., nos quais surge como sinónimo de, ‘progredir’, ‘prosseguir’ ou, até, ‘vencer’ (exemplos de (49) a (51)). Nestes, das 137 ocorrências metafóricas do verbo ‘singrar’, 135 são da expressão ‘singrar na vida’, o que perfaz 98,5 %.

(49)

*‘Sob este aspecto, também paradoxalmente, o juridismo mortificador do antigo regime teria **singrado** mais pela esquerda do que direita.’*

[Ext. 179063 (nd, 93b)]

(50)

*‘O ano de 1995 apresenta-se decisivo para avaliar as possibilidades de André **singrar** no circuito profissional, embora os títulos nacionais continuem na mira do jovem jogador.’*

[Ext. 267430 (des, 95a)]

(51)

*‘Todavia, no Cabo do Mundo encontra-se um restaurante, o «», que **singra** nas rotas dos bons sítios de comer que aí foram ancorando.’*

[Ext. 798196 (nd, 94a)]

À semelhança do verbo ‘singrar’, a utilização do verbo ‘marear’, parece ter caído em desuso pelo menos no que diz respeito à sua utilização produtiva. As 35 ocorrências observadas no corpus remetem para um meio muito específico e restrito de ciências náuticas, surgindo as construções fixas, como em ‘*cartas de marear*’ (15 casos), ‘*a arte de bem marear*’ (6 casos), ‘marear as velas’ (4 ocorrências) e ‘*mestre de marear*’ (cf. exemplos de (53) a (55)). Sob o ponto de vista metafórico, temos apenas duas em 32 ocorrências, o que equivale a seis por cento do total (cf. ex. 55).

(52)

‘Estar rodeado de mar, evocar a epopeia dos descobrimentos e a arte de bem marear não chega para se sonhar com a conquista das provas que se avizinham.’

[Ext. 360323 (des, 92b)]

(53)

‘Ele é hoje um dos mestres de marear com os botes que outrora serviram para enfrentar os cachalotes e que agora estão adaptados a extraordinárias regatas a remos e à vela.’

[Ext. 138355 (nd, 94a)]

(54)

‘Às 16h00, o Roxane ultrapassava o cabo Espechel a uma velocidade de 6.4 nós (cerca de 12Km/h) e a rotina de marear a vela-balão e timonear em perfeita harmonia com a ondulação do mar absorvia toda a atenção a bordo.’

[Ext. 13150448 (des, 93b)]

(55)

‘da literatura infanto-juvenil, da sociologia e do ensaio. Um guia para começar a sua coleção de cartas de marear na Internet (...).’

[Ext. 1470522 (clt-soc, 95a)]

Conforme atestam os exemplos apresentados na classe dos verbos do tipo NAVEGAR, o próprio verbo ‘navegar’ ocupa um lugar prototípico tanto pela frequência como pela multiplicidade de usos atestados, sendo estes quer físicos, desenvolvidos no meio aquático, quer abstractos, em meios diversos. Os verbos periféricos, no entanto, parecem restringir os seus usos quer ao domínio físico quer ao abstracto. Assim, o verbo ‘velejar’ surge nos contextos físicos específicos, referindo a navegação à vela, enquanto o ‘marear’, a navegação nos mares, ocorrendo sobretudo em construções cristalizadas da língua. Pelo contrário, o verbo ‘singrar’ ocorre maioritariamente na metáfora do verbo ‘vencer’, referindo a vitória sobre as adversidades da vida.

5. Conclusões das etapas efectuadas e algumas pistas para o estudo futuro

A investigação apresentada no presente estudo permite-nos chegar a seguintes conclusões:

[1] Parece confirmar-se a **divisão tripartida** da área de *AQUA-motion* no âmbito do Português, tal como inicialmente proposta pelos autores Lander, Maisak & Rakhilina (2005).

[2] No entanto, as três classes de verbos não parecem estanques, existindo possibilidades de se **substituírem os membros** de uma classe por os de outra (*'nadar'*/*'flutuar'*/*'navegar'*), bem como os membros da mesma classe entre si (*'flutuar'*/*'boiar'* e *'singrar'*/*'navegar'*), acontecendo isto sobretudo nos contextos genéricos, quer físicos quer metafóricos. Vejam-se, por exemplo, os contextos do verbo *'navegar'* nos exemplos de (56) a (59) e a possibilidade de serem substituídos por *'nadar'*, *'flutuar'* ou *'boiar'*, apontando para a deriva semântica no sentido da diluição do sentido específico de cada um destes itens lexicais.

(56)

*'Há anos que o fenómeno é visível para qualquer pessoa que percorra aqueles locais; periodicamente, lixos vários, mas, sobretudo, embalagens de plástico, **navegam** ao sabor das vagas e vêm deposita-se nas praias entre Caminha e Viana do Castelo.'*

[Ext. 661763 (soc, 97a)]

(57)

*'Pelo contrário, uma das mais graves ameaças que pesa sobre a sobrevivência dos mares é gerada em terra e corre pelos canos de esgotos, é levada pelas águas das chuvas ou **navega** nos rios.'*

[Ext. 924970 (soc, 98a)]

(58)

*'Melhor ainda: colocar uma máscara com um tubo e assistir, como se estivesse ao ar livre, às voltas e reviravoltas dos peixes em redor do corpo, as minúsculas algas a **navegar** ou – porque não há bela sem senão – descobrir aqui e ali desperdícios lançados por humanos menos cívicos.'*

[Ext. 1125447 (soc, 93a)]

(59)

*'Pior ainda: como professora (vade retro, Satanás) dava aos alunos mais velhos noções básicas de educação sexual e mostrava-se tão desconfiada que mandou analisar a água que se consumia na escola, não andassem por lá bichos de peste a **navegar**.'*

[Ext. 1030407 (clt, 93a)]

[3] Se, por um lado, a deriva semântica aponta para a generalização do sentido, tal como observado acima, por outro, verificamos a ocorrência de **multiplicidade de sentidos (polissemia)** dos verbos mais prototípicos em cada uma das classes. Por conseguinte, é possível, por exemplo, falarmos de verbos *flutuar*₁ e *flutuar*₂ (cf. exs. (4) – (9)), bem como de *nadar*₁ e *nadar*₂ (cf. ex. 12), de acordo com critérios cognitivos e/ou linguísticos.

[4] A todas as três classes é também comum o fenómeno de **metaforização**, afigurando-se vários níveis desta operação. O primeiro tipo de projecção é efectuado entre o meio aquático e o meio abstracto, sendo ele, entre outros, de carácter social, político, económico ou financeiro, tal como pode ser comprovado pelos exemplos (13) - (20) para o verbo ‘navegar’, (26) - (30) para o verbo ‘flutuar’, (40) - (45) para o verbo ‘navegar’, bem como (49) - (51) para ‘singrar’. O segundo tipo de projecção ocorre entre o meio aquático e o meio aéreo, na sua conceptualização física, tal como se pode observar para o verbo ‘flutuar’, nos exemplos (24) e (25), e para ‘navegar’, em (38) e (39).

Numa outra perspectiva, a partir dos resultados obtidos na investigação efectuada, observem-se as **possíveis pistas de investigação** futura na área:

[1] O estudo do movimento efectuado **noutro meio líquido** (por extensão do meio aquático) tal como p. ex., em: ‘o bacalhau **nada** em azeite’, etc. Observem-se, aqui, os exemplos (60) - (66), com destaque especial para o uso no âmbito da culinária (exemplos (64) - (66)).

(57)

“...*Várias testemunhas assinalaram ontem grupos de focas a nadar no meio do manto de hidrocarbonetos e mostravam preocupação pela sorte das cerca de...*” (Ext 41333)

(58)

“*Não gosto de nadar em xarope* “. (Ext 77757)

(59)

“*Nadando em sangue ?*” (Ext 99349)

(60)

“*Uma análise cromossómica às células fetais que nadam no líquido permitem detectar a doença no feto.*” (Ext 1500278)

(61)

“*O «creme de caranguejos» era um caldo pouco apurado, em que nadavam uns bocados do que parecia ser carne das patas de santola; a «sopa do dia» era um creme de espargos de pacote, com a agravante de estar cheio de grumos*”. (Ext 106834)

(62)

“*Bacalhau não faltava e experimentou-se o assado à Capote: bem demolido e grelhado, esfiado grosseiramente e a nadar em azeite quente, coberto por rodela de cebola...*” (Ext 292021)

(63)

“... surgem amêijoas, das cristãs, do Alvor, grandes e cheias, a nadar num molho leitoso e saborosíssimo de mar, alho, coentros e azeite; segue-se uma feijoada de buzinas.”

(Ext 344587)

(64)

“Pedro Ayres continua um mestre na captação dos movimentos e motivações das massas, sabendo agir como um verdadeiro manipulador, que flutua na crista da onda, das marés e ventos da História.”

[Ext 274179 (clt, 92b)]

(65)

“Todas estas secções estão incluídas, de origem, numa janela mas podem ser (todas ou parte delas) colocadas a «flutuar» no ambiente de trabalho, estando assim sempre visíveis durante o acesso à Internet.”

[Ext 399191 (com, 98a)]

(66)

“Para quem goste de simplicidade, basta escrever uma mensagem, como por exemplo «Volto já» ou «Este computador está armadilhado», para o After Dark a fazer flutuar no ecrã.”

[Ext 1348074 (clt-soc, 92b)]

[2] Destaquem-se, igualmente, as extensões para o **movimento físico construído por meio de metaforização**, como, p. ex., nas situações em que estas extensões são feitas através de (ou em relação a) uma substância, como em: *‘nadar na roupa larga’*.

[3] Outras pistas para a investigação futura prendem-se com a necessidade de verificação da **pertinência da distinção de um domínio novo**, até à data não estudado, do tipo **-MERGIR**, tal como se verifica nos verbos *‘emergir’*, *‘imersir’* ou *‘submersir’*. Parece ser, igualmente, pertinente a delimitação das suas restrições de uso, bem como a pertença deste subgrupo a uma (ou mais?) classes dos verbos do tipo *AQUA-motion*. Para a sua pertinência aponta, sobretudo o seu nível de frequência: no *CETEMPúblico* surgiram 2268 ocorrências do verbo *‘emergir’*, 224 ocorrências de *‘imersir’* e 1320 de *‘submersir’*.

[4] Outra pista, na área em estudo, aponta ainda para a possibilidade de verificar o emprego dos **verbos gerais de movimento**, sobretudo dos deícticos *‘ir’* e *‘vir’*, bem como do verbo locativo *‘estar’*, que ocorrem com frequência em expressões perifrásticas não lexicalizadas, com um certo grau de fixidez, como em: *‘vir à superfície’*, *‘ir até ao fundo’* ou *‘vir ao de cima’*.

Bibliografia

ARAD, Maya

2005 “Some aspects of the Hebrew verb *saxah* (swim)”, ms.

ATKINS, Sue; Charles FILLMORE

2000 “Describing polysemy : the case of crawl” in Yael Ravin & Claudia Leacock (eds.) *Polysemy: Linguistic and Computational Approaches*. Oxford: Oxford University Press.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz

2000 *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Coleção Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz; Angelina PIRES; Isabel MACEDO e Margarida CASADINHO

2006 “Claro como água!” – Contribuição para a tipologia lexical dos verbos de movimento em água (AQUA-motion). *Actas da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: XXII Encontro Nacional da APL. 127-140.

BYBEE, Joan

1985 *Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form*. Amsterdam: Benjamins.

BYBEE, J.L.; R. PERKINS; W. PAGLIUCA

1994 *The evolution of grammar: Tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago.

KIBRIK, A.E.

1998. ”Does intragenetic typology make sense?” in W. Boeder et al. (eds.) *Sprache im Raum und Zeit: in memoriam Johannes Bechert*. Tübingen: Narr, Bd. 2: Beiträge zur empirischen Sprachwissenschaft.

KOCH, Peter

2001 “Lexical typology from a cognitive point of view” in M. Haspelmath et al. (eds.) *Language Typology and Language Universals: An International Handbook*. Berlin: de Gruyter, 1142-1178.

LANDER, Y.; T., MAISAK,; E. RAKHILINA,

2005 “Motion in a liquid medium (AQUA-motion): towards lexical typology”, Institute for Oriental Studies, Russian Academy of Sciences, ms.
www.hf.ntnu.no/scl/abstracts/lander.pdf

LEMMENS, Maarten & Dagmar DIVJAK

2005 *Lexical Conflation Patterns in Dutch Aquamotion Verbs*, ms.

MAISAK, T.; E. RAKHILINA

2003 “Tipologija sistem glagol’noj leksiki: dvizenie w vode”. In *Gramaticheskije kategorii: ierarxii, svjazi, vsajmodejstvie*, St. Petersburg.

NEWMAN, J. (ed.).

1997 *The Linguistics of Giving*. Amsterdam.

2002 *The Linguistics of Sitting, Standing and Lying*. Amsterdam: Benjamins.

TALMY, Leonard

1975 “Semantics and Syntax of Motion”, in John P. Kimball (ed.), 1975, *Syntax and Semantics*, vol.4, New York: Academic Press

- 1983 “How Languages Structures Space”, in Pick & Acredolo (eds), *Spatial Orientation: Theory, Research and Application*, New York: Plenum Press
- 1985 “Lexicalisation Patterns: Semantic Structure in Lexical Forms”, in T. Shopen (ed.) *Language Typology and Syntactic Description*, vol. III, *Grammatical Categories and the Lexicon*, Cambridge: Cambridge University Press
- 2000 *Toward a Cognitive Semantics*, 2 vols., Cambridge: The MIT Press
- WIERZBICKA, Anna
- 1991 *Cross-cultural Pragmatics: the Semantics of Human Interaction*. Berlin: Mouton de Gruyter
- 1992 *Semantics, Culture and Cognition: Universal Human Concepts in Culture-specific Configurations*. New York: Oxford University Press

CORPORA

CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público).

=>[<http://www.linguateca.pt/ACDC/>]

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa => [<http://www.clul.ul.pt>]

Instituto Camões

=>[<http://www.institutocamoes.pt/escritores/camoes/lusiadas.htm>]

Linguateca

=>[<http://www.linguateca.pt/>]

Projecto Vercial

=>[<http://www.ipn.pt/literatura/>]